

## **Intolerância Religiosa: Uma análise do editorial do jornal Diário da Região<sup>1</sup>**

Irenilda SILVA<sup>2</sup>  
Danilo ARAÚJO<sup>3</sup>  
Ceres SANTOS<sup>4</sup>

Universidade do Estado da Bahia, BA

### **Resumo**

Este artigo se propõe a fazer uma análise crítica do discurso do editorial publicado no jornal Diário da Região, em Juazeiro - BA, veiculado em cinco de agosto de 2014. O artigo trata sobre práticas das religiões de matrizes africanas, especificamente o Candomblé. Logo, analisamos essa publicação com base nos conceitos propostos por Teun Van Dijk (2010), quando o mesmo alerta para a prática e manutenção dos discursos de abuso de poder, presentes nos meios de comunicação, permitindo - ou não - identificar sinais de intolerância religiosa. Na contramão dos direitos reservados e garantidos por lei, o exercício de professar livremente o Candomblé ainda sofre diversas intolerâncias, a exemplo da demonização, repressão e invisibilização.

**Palavras-chave:** intolerância religiosa; análise crítica do discurso; jornal Diário da Região; macumba.

### **Introdução**

As práticas, os ritos de cada religião são próprios, pertencentes geralmente ao grupo, porém quando se trata de religiões de matrizes africanas nem sempre são tolerados ou até mesmo aceitos como religião. Pois se torna atividade rejeitada ou não compreendida.

As religiões de matrizes africanas durante muito tempo foram proibidas de serem praticadas no território brasileiro e por esse motivo seus cultos foram revestidos de muitos mistérios e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Irenilda Maria da Silva pela Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro-Ba. Endereço eletrônico: irenildam.silva03@gmail.com;

<sup>3</sup> Danilo Borges e Silva de Araújo pela Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro-Ba. Endereço eletrônico: dbsadanilo@gmail.com;

<sup>4</sup> Doutoranda DINTER (doutorado interinstitucional) pela Universidade de São Paulo (USP) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Juazeiro-Ba. Endereço eletrônico: cerasantos3@gmail.com

pouco conhecidos pela população (STEFENS, 2015). Outra característica marcante é que seus ritos são retransmitidos por meio da oralidade, restringindo o acesso as suas práticas e criando aspectos distorcidos, como por exemplo, o conceito que fazem sobre o termo ‘macumba’ e a associação da religião com os negros. É nesse contexto que o processo de intolerância religiosa encontra um solo fértil (ibidem).

A sua incidência também ocorre nos Meios de Comunicação, o que nos motivou a desenvolver este artigo tendo como objeto de análise, o editorial publicado no dia 5 de agosto de 2014 no jornal Diário da Região, Juazeiro/BA, que descreve as atividades realizadas em um ritual da religião do Candomblé. Para isso, escolhemos a Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Teun Van Dijk (2010).

Pretendemos através este trabalho colaborar nas reflexões sobre o tema, em especial, na região de Juazeiro-BA, visto que, ainda são registrados casos de intolerância religiosa e há desconhecimento sobre as religiões de matriz africana que podem contribuir para a sua exclusão. Contraditoriamente, a cidade está em uma região na qual foram mapeados\catalogados\localizados mais de 400 terreiros entre eles, de Candomblé, casas brancas, casas de orações, casas de sessão, centros espíritas de orientação Umbandista, mesas brancas, tendas, Umbanda, entre outras (MARQUES, 2015).

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010), nos últimos anos os praticantes das religiões de matrizes africanas<sup>5</sup> compunham 0.3% da população brasileira. As religiões de matriz africana são as que mais sofrem discriminação. Segundo Mariana Tokarnia (2015), de acordo com os dados do Disque 100, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH), de 2011 a 2014, foram registrados 213 casos de denúncia, representando 35% (de um total de 504) por praticantes de religião de matrizes africanas (TOKARNIA, 2015).

Outros dados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República apontam que nos anos de 2011 e 2012 houve um crescimento quase sete vezes (626%) no número de denúncias para o Disque 100<sup>6</sup>, subindo de 15 para 109 casos registrados. Os dados, não representam a real dimensão do problema, uma vez que o Disque 100 não possui um mecanismo próprio para o recebimento desse tipo de denúncia e sem falar que muitos casos nem chegam ao poder público e ficam apenas nas polícias ou órgãos estaduais de proteção dos

---

<sup>5</sup> Referimos aqui Umbanda e ao Candomblé

<sup>6</sup> <https://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>

Direitos Humanos. Segundo o Mapa da Intolerância Religiosa Violação do Direito de Culto no Brasil, (2011) esse aumento parece que houve um retorno no tempo ao século XV. A nova roupagem é a ‘guerra santa’, em que muitos adeptas/os e os locais de cultos das religiões de matriz africana são alvos sistemáticos de sucessivas violências, sejam eles em locais públicos, como invasões de templos afros, ou ataques pessoais ou coletivos aos seus seguidores.

## **2. Religiões de Matriz Africana no Brasil**

Não se pode conhecer a cultura brasileira na sua amplitude sem reconhecer a existência das religiões trazidas pelos africanos para o Brasil (CUSTÓDIO, 2015 apud CUNHA JR, 2009).

As religiões africanas para que sobrevivessem foi necessário fazer adaptações, marginalizando, criando diversos grupos originais e semelhantes, “visto que o espírito não pode viver fora da matéria, mas se essa lhe falta faz-se uma nova” (BASTIDE, 1971). Assim, muitos terreiros se mantêm a margem da sociedade para continuar suas crenças.

Embora todas as religiões de matriz africana tenham relação com o mundo imaterial e divindades existem inúmeras diferenças entre elas, variando, por exemplo, na maneira de professar, os costumes e as crenças as quais foram se adaptando nos territórios ao longo do tempo. Cabe destacar que os escravizados africanos vieram de diversas regiões do continente africano e cada uma dessas regiões tem as suas concepções de mundo e de se relacionar com o sagrado e de cultuar o seu Deus que, por exemplo, recebe denominações distintas: para os Bantus (Angola) Deus é chamado de Nkises e de Orixá, pelos Yorubás. Nessas religiões, também chamadas de nações cada Orixá, Nkises tem a sua música, ritmo, dança e oferenda específica. Na região do Vale do São Francisco as principais nações são as de Ketu e Angola.

As diferenças entre os escravizados africanos eram devido às diversas regiões, assim segundo Marques (2015) a religião da Umbanda, por exemplo, não possui nações como Ketu, Jejê, Nagô. Visto que na Umbanda se caracteriza por uma mistura, cultuam o orixá e cantam para caboclo, cata-se para tudo. Já em relação ao Candomblé não. “Em qualquer xirê, toda festa do candomblé, temos que primeiro despachar Exú, dar comida a Exú, para depois cantar para os orixás. Em muitas casas de ketu se cultua Exú, mas não recebe Exú [...]” (MARQUES, 2015, p.79).

### **2.1 Sincretismo Religioso**

As religiões de matriz africana são heranças que os escravizados trouxeram nos navios negreiros, e encontraram no Brasil uma grande resistência e criminalização chegando ao ponto de, em dezembro de 1830, quando foi redigido o Código Criminal do Império de 1830 proibia as manifestações de religiões não oficiais dentre elas, estava o Candomblé. No seu artigo 122 previa punição ao praticante com multa ou se o mesmo fosse escravizado, recebia 25 açoites. Mas essas religiões representam uma ligação da população africana com seu lugar de origem. Através da religião, costumes culturais foram preservados, dentre eles está a linguagem (SILVA JR., 2007 apud CAMPOS; RUBERT, 2014).

Um meio de sobrevivência encontrado pelas religiões de matriz africana foi mesclar seus cultos com a religião católica, sendo denominada a oficial no Brasil. A assimilação com o catolicismo foi utilizado como subterfugio para escapar à reação policial, assim pode ser encontrado altares católicos em algumas religiões de matriz africana, além do que vários orixás tem correspondentes entre os santos da igreja católica (CARNEIRO, 2008). Assim desde o seu início, as religiões afro-brasileiras formaram-se em sincretismo com o catolicismo e em grau menor com religiões indígenas. O culto católico aos santos, de um catolicismo popular de molde politeísta, ajustou-se como uma luva ao culto dos africanos (PRANDI, 1998).

## 2.2 Casos de Intolerância Religiosa

Em vários estados do país a intolerância religiosa chegou às instâncias do Poder Legislativo em forma de projetos de lei que na sua maior parte, tem referência ao sacrifício de animais nos rituais praticados pelas religiões de matriz africana. Para essas religiões as oferendas de animais em cultos é a demonstração da crença aos orixás (deuses). (MÃE STELLA DE OXOSSI, 2013)<sup>7</sup>. “A religião tem uma profunda relação com o planeta Terra, tanto que suas danças são feitas com os pés totalmente plantados no chão, [...]. Essa ligação com a terra não poderia excluir a necessidade que o homem tem de se alimentar para sobreviver”. Conforme a autora que se oferece aos deuses tudo aquilo que nos mantém vivos e alegres. Visto que no dia em que os homens deixarem de ter na mesa animais, naturalmente esses deixarão de ser ofertados aos deuses (MÃE STELLA DE OXOSSI, 2013).

---

<sup>7</sup> Artigo publicado no jornal A Tarde, de 29 de julho de 2013.

Entre os diversos casos de intolerância religiosa destacamos o ocorrido no terreiro Ilê Abasy de Oiá Guenã, liderado pela Yalorixá mãe de santo Adelaide Santos (Oiá Guenã), 63 anos, localizado há 39 anos no bairro Kidé, em Juazeiro/BA. O local foi arrombado e apedrejado várias vezes. As paredes foram danificadas e marcadas com cruzeiros. Quadros e fotografias também foram destruídas. Sua casa, onde mora com netos e filhos, teve o telhado parcialmente destruído por pedras. Por causa disso, a líder religiosa, passou a dormir na casa de vizinhos, conforme informa matéria veiculada na TV São Francisco no dia 15 de julho de 2015.

Mãe Adelaide registrou o crime em Delegacia de Juazeiro e entrou com ação no Ministério Público. Em apoio à mãe Adelaide, a Secretaria Municipal de Desigualdade Social, representante dos Povos de Terreiros organizaram uma manifestação pública que percorreu várias ruas do bairro do Kidé, contou também com a participação de representantes de outros terreiros, com o objetivo de denunciar o ato de intolerância.

Outro caso foi o de Kaylane Campos, 11 anos. Ela foi atingida por uma pedra na cabeça em junho de 2015, no bairro da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro (RJ), quando voltava para casa de um culto do Candomblé e vestia roupas brancas, típicas dos seguidores dessa religião. Segundo matéria publicada no jornal O Globo em seis de junho de 2015, a agressão foi praticada por pessoas que portavam bíblias, conforme testemunhas. O caso teve repercussão internacional e familiares da menina acionaram a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR-RJ), para que os responsáveis sejam punidos por crime de intolerância religiosa.

No ano de 1999 em Salvador, capital do Estado da Bahia, aconteceu um dos casos mais emblemáticos de intolerância contra a sacerdotisa de Candomblé Gildásia dos Santos, 64 anos, conhecida como Mãe Gilda. Ela teve sua casa e o terreiro invadidos e o marido agredido por evangélicos ligados a Igreja Universal do Reino de Deus. Afora isso, ainda teve uma foto sua publicada na revista Folha Universal<sup>8</sup>, porta-voz dessa Igreja, com uma tarja preta nos olhos em uma matéria que levava o título: “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”. Devido a essa sucessão de ataques a Yalorixá sofreu um infarto e veio a falecer. Os familiares moveram uma ação contra a Igreja Universal, que foi condenada a pagar uma indenização que, inicialmente, ficou em R\$1 milhão. Mas após vários recursos utilizados pelos advogados da Igreja caiu para R\$145 mil (LOPES, 2008).

---

<sup>8</sup>Matéria veiculada na edição de 26 de setembro a 2 de outubro de 1999

Uma das ações para reverter à incidência de casos de intolerância religiosa foi o Projeto de Lei, instituindo a data 21 de janeiro como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, em 2007. Essa data é uma referência à morte de Mãe Gilda ocorrida em 2000. A ação também busca assegurar a liberdade de culto e expressão a todas as etnias. Atualmente, o dia é uma oportunidade para reflexão sobre a necessidade de se respeitar a diversidade religiosa e, assim, reduzir os casos de crimes de ódio no País.

### 3. Referencial Teórico

Para desenvolver esse artigo foi necessário definir alguns conceitos, como racismo, intolerância religiosa,

Ao trabalhar com o conceito de racismo recorreremos a Ceres Santos (2007) que destaca Wedderburn (2005)<sup>9</sup> quando argumenta que o modelo das relações raciais na América Latina é revelador das interfaces do racismo nas relações com a maioria da comunidade negra, e destaca os fatores pigmentocrático e clientelista, os quais agem como se fossem um oxigênio para a atomização ininterrupta dos segmentos raciais subalternos. Para o autor:

Sabe-se que as estruturas pigmentocráticas (como no Afeganistão, Índia, Irã, Oriente Médio, Paquistão e Turquia) [...]. Trata-se, por tanto, de um modelo intrinsecamente refratário a qualquer demanda étnico-racial, coletiva, uma vez que as estruturas sócio-raciais desse tipo carecem de mecanismo para lidar com as demandas sociais surgidas na modernidade.

O modelo racial latino-americano satisfaz interesses individuais de integração e de ascensão social, [...]. A interação e a ascensão se dão mediante um complexo sistema de cooptação baseado na mestiçagem biológica, vertical e unilateral do segmento racial subalternizado. Essa mestiçagem historicamente institucionalizada cria uma população afastada de sua identidade original. É no interior desse contingente populacional multicromático, carente de uma identidade própria, que o sistema pigmentocrático retroalimenta a sua base de dominação.<sup>10</sup>

Já o racismo, é uma forma de dominação baseada em diferenças físicas específicas (principalmente cor da pele) que podem ser mínimas ou mesmo inexistentes, mas que são socialmente construídas na definição de grupos. Nesse processo, as diferenças entre grupos são exageradas e as diferenças intra-grupos são minimizadas. De fato, no início do século XX,

<sup>9</sup>Dissertação de mestrado de Ceres Santos – Mídia e educação: o discurso da imprensa no debate das ações afirmativas para negros/as

<sup>10</sup>Wedderburn, p. 326.

foi comprovada cientificamente a inexistência de uma divisão de raças biológicas dentro da espécie humana, porém o significado social de raça permanece forte (GUIMARÃES, 2004; SCHUCMAN, 2010 apud STENFENS, 2015). Ainda conforme Steffens (2015) “o racismo também se manifesta no discurso e na Comunicação, frequentemente em relação com outras práticas sociais de opressão e exclusão [...]” (VAN DIJK, 1993 apud STEFFENS, 2016).

De acordo com Deutsche Welle (2013) em entrevista com Silvano Euclenio<sup>11</sup>, “o Brasil tem um histórico de negação das tradições não cristãs. Essa negação não é exatamente da religião, mas do valor de todas as tradições de matriz africana. Na verdade, para nós, é racismo”. Dessa forma a intolerância na sua maioria resulta em violência como na destruição de casas, espancamento de pessoas e até mesmo assassinatos.

Muito dos casos são analisados com base na pigmentação da pele, atribuímos aqui o fato de que as queixas de crime e violência, por exemplo, não são simplesmente apresentados como tais, mas como crimes oriundos de uma determinada população. Muitas matérias que são veiculadas pela mídia são apresentadas irrelevantemente culturalizadas, atribuindo dimensões especiais apresentando enquadramentos diferenciados. Isso significa que implicações ideológicas racistas podem ocorrer não apenas porque pouco está sendo dito, como no caso das pressuposições implícitas, mas também porque muitas coisas irrelevantes estão sendo ditas (STEFFENS, 2015 apud VAN DIJK, 1991 & 1992).

#### **4- Conceito de Intolerância Religiosa**

O termo intolerância denota aquilo que não é tolerável. Nesta lógica, ser intolerante, é não suportar, permitir, consentir ou respeitar diferentes opiniões ou crenças. A intolerância tem se mostrado muito frequente na esfera religiosa, sobretudo no que concerne às religiões afro-brasileira. Neste sentido, é notável que os praticantes de religiões de matriz africana, como Candomblé e Umbanda são as principais vítimas de intolerância religiosa no Brasil, caracterizando os casos mais frequentes e graves de fanatismo religioso (GUALBERTO, 2011, p. 12 apud SANTANA; MUNIZ FALCÃO).

---

<sup>11</sup>Entrevista concedida na Carta Capital, publicado em 08/02/2013. Silvano Euclenio é secretária de Políticas das Comunidades Tradicionais da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

A intolerância religiosa, um cavalo de batalha do racismo, é feito para acentuar a distância entre um grupo determinado e aqueles que veem como oponentes. O processo que resulta desta relação é uma simplificação sempre abusiva e discriminante. Por trás da intolerância religiosa, há sempre um forte componente de disputa de poder. E também, esta intolerância se amalgama à intolerância política, cultural, étnica e sexual. Está presente no cotidiano dos indivíduos: no ambiente do espaço doméstico, no trabalho, nos espaços privados e públicos. Assume formas subtis de violência simbólica e manifestações extremas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância religiosa é, por conseguinte, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados pela sua condição econômica. Surpreendemo-nos frequentemente a descobrir a nossa própria intolerância (PÉCHINÉ, 2011).

## **5- Metodologia**

Nesse artigo recorreremos ao estudo proposto por Teun Van Dijk (2009), baseando-se em um dos seus trabalhos, no livro intitulado *Discurso e Poder*, que faz uma análise sociológica das relações de poder. Além disso, o autor analisa a reprodução do discurso, sobretudo a busca do poder, a dominação, o abuso de poder e da desigualdade social.

O livro reúne oito ensaios que focalizam essas relações. Para isso, o autor utiliza a proposta dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), proposta que usaremos a fim de entender como se dão às relações do discurso em relação às religiões de matrizes africanas, especificamente com a religião do candomblé.

Para Teun VanDijk (2010), assim como outros discursos, o do racismo e outras formas de discriminações são representações cognitivas, socialmente compartilhadas. Uma construção multimodal, na qual todos os meios e técnicas estão relacionados entre si. O discurso é também uma prática social. Dessa forma, quando buscamos analisar o conteúdo editorial de um jornal, buscamos analisar um discurso que não faz parte apenas de quem escreve, mas de um conjunto de atores que estão relacionados entre si, além de entender que este discurso emerge (com) aspecto de dominação. Assim, “ECD não estão interessados em qualquer tipo de poder, porém se concentra no abuso de poder, nas formas de dominação que resulta em desigualdade e injustiça social” (DIJK, 2010, p. 10)

Para o autor, a ECD busca, especificamente, analisar os modos de dominação que geram injustiça social e a desigualdade. Nesse sentido não existe neutralidade em um discurso.



Essas afirmações que Teun Van Dijk (2009) utiliza nós tomaremos como ponto de partida para a análise do discurso no editorial. Visto que as estruturas de dominação não só influenciam as opiniões como as variações da linguagem e do discurso, além dos sistemas discursivos. Dessa forma ao analisarmos esse editorial, fizemos as seguintes perguntas: Quem fala? O que fala? Como fala? Por que fala?

## **6. Histórico do jornal Diário da Região**

O veículo Jornal Diário da Região de Juazeiro/BA, comemora 44 anos em 2016. Até dezembro de 1972 chamava-se Tribuna do Povo, e tinha como diretor presidente Paganini Nobre Mota que permanece no cargo até hoje. Antes de se chamar Diário da Região foi denominado de Jornal de Juazeiro. Após algum tempo com esse nome e com as mudanças decorrentes das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), passou a ter edição *on line*. O jornal digital circula diariamente enquanto o impresso três vezes na semana. O forte do jornal é a editoria política que dá destaque aos conteúdos de interesse do seu proprietário, revelando limitações na ideia de veículo independente. O Diário da Região noticia, basicamente, ações das prefeituras da região e outros órgãos públicos.

O Diário da Região passou por diversas modificações estéticas e editoriais. No entanto, mantinha o foco voltado para editorias de natureza política, social e policial com destaque para matérias que retratam a pobreza e a criminalidade, fato que gerava a má fama de celeiro de misérias e jornal ensopado de sangue. O editor-chefe Paganini em uma entrevista ao ser indagado sobre a linha editorial atribuiu aos diversos mudanças que ocorreram no jornal pela veiculação de fotos de pessoas mortas na capa do periódico e, consecutivamente, a fama sensacionalista do jornal. Além de acrescentar que sua opção religiosa ao protestantismo não interfere nas suas veiculações (SILVA JÚNIOR; CARDOSO, 2013).

### **6.1 A jornalista**

Gabriela Alves Canário possui graduação em Comunicação Social pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e pós-graduação Assessoria de Comunicação e Novas Tecnologias pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE). Já trabalhou como assessora/jornalista na Prefeitura Municipal de Petrolina-PE, e em outros veículos de

comunicação no Vale do São Francisco. Além de ter já trabalhado como editora de Conteúdo Web na empresa de comunicação da região, TV Grande Rio, também em Petrolina.

Na época em que trabalhava no jornal Diário da Região, em Juazeiro-BA, exercia o cargo de editora-chefe. Atualmente, é curadora de conteúdo na empresa Grau Técnico Petrolina, onde também já lecionou Português Instrumental e estuda pós-graduação na FASJ - Faculdade São Francisco de Juazeiro (PLATAFORMA LATTES, 2016).

## 6.2 Editorial

Abaixo reproduzimos o editorial, objeto do nosso artigo intitulado PUNTO DE VISTA DIÁRIO DA REGIÃO, publicado no DIÁRIO DA REGIÃO Terça-Feira, 05 de Agosto de 2014:<sup>12</sup>

Macumba é uma espécie de árvore africana e também um instrumento musical utilizado em cerimônias de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda. O termo, porém, acabou se tornando uma forma pejorativa de se referir a essas religiões - e, sobretudo, aos despachos feitos por alguns seguidores. Na árvore genealógica das religiões africanas, macumba é uma forma variante do candomblé que existe só no Rio de Janeiro. O preconceito foi gerado porque, na primeira metade do século 20, igrejas neopentecostais e alguns outros grupos cristãos consideravam profana a prática dessas religiões. Com o tempo, quaisquer manifestações dessas religiões passaram a ser tratadas como "macumba". No livro "Macumba Pega" do renomado escritor Adelino de Carvalho, profundo conhecedor sobre batalha espiritual, ele explica que a macumba é um "trabalho" espiritual de maldição que invoca Lúcifer - o príncipe das trevas - o rei do inferno, que recebe uma oferenda de um macumbeiro juntamente com a "encomenda" maligna feita por aquela pessoa que quer destruir alguém. Lúcifer - o rei das trevas tem um exército formado por milhões e milhões de demônios. A macumba reconhece mais de 18 milhões de exus divididos em falanges do inferno que a Palavra de Deus chama de hostes infernais da maldade. Após receber um trabalho de macumbaria para destruir a vida de uma pessoa, Lúcifer - o príncipe das trevas passa para satanás o nome e endereço da vítima a ser destruída, e este designa uma legião de demônios (exus), para atacar e arruinar a vida da pessoa. Esta "bagagem" muitas vezes é colocada na vida da pessoa através de um presente emacumbado e alguns "trabalhos" são feitos com objetos pessoais roubados da vítima e outros com pedaços de unha e fios de cabelo. A encomenda da morte de uma pessoa é feita com o pagamento antecipado, e custa muito caro. No Brasil, é muito difícil você encontrar uma rua que não tenha um vizinho

---

<sup>12</sup>Publicado no Diário da Região no dia 5 de agosto de 2014

macumbeiro. São pessoas que não frequentam terreiro de macumba, mas procuram chefes de terreiros para encomendar destruições, separações, doenças, amarrações financeiras, vícios, acidentes e tantos outros males para atingir a vida de uma pessoa inocente. A macumba é usada por pessoas invejosas e vingativas. Nós nos esquecemos do nosso livre arbítrio. Esquecemos que somos imperfeitos. Esquecemos que erramos, esquecemos que estamos vivos para aprender, crescer em direção ao Criador. Esquecemos que podemos errar. "Errar é humano". Colocar a culpa "nos outros" é feio...

### 6.3 Análise do objeto de estudo

Visto que a noção de controle é parte de um indivíduo pertencente a um grupo em relação ao outro com a intenção de dominar o poder social. Assim, há uma limitação da liberdade, não só dos atos, mas também a do pensar. “Tradicionalmente, controle é definido como controle sobre as ações de outros. Se esse controle se dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de abuso de poder (DIJK, 2010). Dessa maneira os meios de Comunicação utilizam o poder em relação as minorias.

Interessa-nos aqui, descrever o modo como o poder simbólico, poder este, que está presente em todas as esferas do corpo socialna qual organiza "[...] como parte constituinte do poder de uma organização" (ibdem, p.21), se mostra nos debates com as religiões de matrizes africanas, especificamente a religião do Candomblé, onde a coerção a manipulação, o doutrinamento, estão muito presentes em discursos preconceituosos, como por exemplo: [...] alguns trabalhos são feitos com objetos pessoais roubados da vítima e outros com pedaços de unha e fios de cabelo.

Ao analisarmos o Editorial utilizando o que Van Dijk (2010), propõe constatamos que as religiões de matrizes africanas passaram/passam por preconceitos arraigados no racismo e entendemos que essas dimensões de análises não contemplam por todo, mas são fundamentais para investigação. Visto que quando observamos o abuso de poder que se apresenta exercido por meio dos seus conhecimentos, opiniões, atitudes, ideologias, como também às outras representações pessoais ou sociais.

A partir destes dois destaques dos discursos sugere as seguintes indagações: Como o jornal diário de Juazeiro veiculou informações sobre as religiões? Nesse caso, na medida em queos

meios midiáticos propagam modelos de praticas religiosas com atribuição de bem ou mal, percebemos que há o exercício do poder simbólico e cognitivo de um grupo sobre o outro, na qual a "elite simbólica" (nesse caso, o jornal) é o controlador da produção e a propagação dos conteúdos (ibdem, p.62). "Deve-se ressaltar que o poder não apenas aparece “nos” ou “por meio dos” discursos, mas também que é relevante como força social “por detrás” dos discursos “(ibdem, p.44).

A autora do editorial usa como referência base, para a construção de seu texto, trechos da internet e de uma publicação “Macumba Pega”<sup>13</sup> que embora não seja citado, o que se configura como crime de plágio. Nessa composição podem ser notadas alguns trechos como os copiados: "Macumba é uma espécie de árvore africana e também um instrumento musical utilizado em cerimônias de religiões afro-brasileiras"; "O preconceito foi gerado porque, na primeira metade do século 20, igrejas neopentecostais e alguns outros grupos cristãos consideravam profana a prática dessas religiões".

Assim, no editorial do jornal é perceptível outros crimes como o de racismo. Em relação ao plágio é previsto no Código Civil, no Art. 524 e no Código Penal, (crime contra o Direito Autoral), nos artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110, e 184 a 186 (direitos do Autor formulados pela Lei 9.610/1998) e 299 (falsidade ideológica) as punições para práticas como essa. No texto observamos outro trecho onde o racismo é evidenciado:

“a macumba é um "trabalho" espiritual de maldição que invoca Lúcifer - o príncipe das trevas - o rei do inferno, que recebe uma oferenda de um macumbeiro juntamente com a "encomenda" maligna feita por aquela pessoa que quer destruir alguém. Lúcifer - o rei das trevas tem um exército formado por milhões e milhões de demônios. A macumba reconhece mais de 18 milhões de exus divididos em falanges do inferno que a Palavra de Deus chama de hostes infernais da maldade”.

Além do plágio, em seu discurso há a reprodução do racismo (previsto na lei de Nº 7.716, promulgada em cinco de janeiro de 1989, especificamente nos Art. 1º, Art. 20. § 2º).

O que ocorre, é que a elite simbólica, nesse caso o jornal, em seu discurso utiliza uma descrição preconceituosa para fazer referência à macumba, palavra que integra o linguajar de algumas religiões de matrizes africanas.

"Após receber um trabalho de macumbaria para destruir a vida de uma pessoa, Lúcifer - o príncipe das trevas passa para satanás o nome e endereço da vítima a ser destruída, e este

---

<sup>13</sup> Matéria publicada no site Reinodos Céus

designa uma legião de demônios (exus), para atacar e arruinar a vida da pessoa". O discurso do editorial aponta para o fato de que ele é permeado pelo ódio e desdém sobre as religiões de matriz africana e que estão sendo construídos ao mesmo tempo em que é inserido o discurso racista.

Conforme Van Dijk (2010), “O sistema de racismo é composto por um subsistema social e um *cognitivo*. O subsistema social é constituído por práticas sociais de discriminação no (micro) nível local [...] organizações e instituições dominantes [...]”(DIJK, 2010, p. 1342).

Outro sentimento demonstrado no discurso é o da hostilidade ao atribuir aspectos demoníacos a religião do outro, nesse caso, as religiões de matrizes africanas. São conferidas por não serem aceitas e merecedoras de professar os cultos aos Orixás. "A macumba reconhece mais de 18 milhões de exus divididos em falanges do inferno que a Palavra de Deus chama de hostes infernais da maldade”.

Nessa narrativa discursiva há aspectos negativos sobre a religião do outro. Inclusive em seu trabalho Van Dijk (2009), detalha estas questões ao mencionar sobre as estruturas não verbais, sendo apresentado com um quadro racista como um gesto depreciativo, além de ter significativos negativos sobre esses. (DIJK, 2010).

Há um enfoque através da responsabilidade pela ação, por exemplo, o uso da voz ativa "[...] a macumba é um "trabalho" espiritual de maldição que invoca Lúcifer - o príncipe das trevas - o rei do inferno". Além disso, o texto recorre ao uso de palavras com teor positivo quando se dirige a um determinado grupo e negativo ao grupo que faz parte das religiões afrobrasileiras. “Esquecemos que erramos, esquecemos que estamos vivos para aprender, crescer em direção ao Criador.”; e "A encomenda da morte de uma pessoa é feita com o pagamento antecipado, e custa muito caro”

## 7. Considerações finais

Entendemos nesse trabalho que as discussões precisam avançar em muito sobre a liberdade religiosa e o tratamento igualitário entre todas as religiões existentes no Brasil, principalmente em relação as religiões de matrizes africanas. E que neste cenário, a intolerância religiosa,

tanto quanto o racismo são considerados, atualmente, umas das questões mais difíceis de serem solucionadas não só no Brasil como em outros países.

A dominação e desigualdade em uma sociedade são reproduzidas inclusive, através do texto e da fala veiculadas na mídia. Constatamos também que com a análise crítica do discurso é possível estudar como as estruturas de poder são representadas. Nesse contexto observa que a publicação incentiva a discriminação e o racismo, mesmo em uma cidade, Juazeiro-BA que possui inúmeros terreiros e praticantes de religião de matriz africana. Por isso se faz necessária a reflexão sobre o preconceito e os casos de intolerância religiosa.

Nesse sentido buscamos através dessa análise intensificar as discussões e reflexões sobre o tema. Ao fazermos isso pretendemos colaborar para a construção da não intolerância e preconceito as religiões de matriz africana. Pois se Fabiane Maria de Jesus, 33 anos, moradora de Guarujá - SP, confundida e espancada por ser praticante de magia negra e logo após morta. Se mãe Gilda de Ogum, fundadora do Ilê Axé Abassá de Ogum, terreiro de Candomblé em Salvador (BA), morta após sofrer agressões morais de religiosos da igreja Universal e mãe Dedé de Iansã, 90 anos, do terreiro Oyá Denã, em Camaçari (BA), morta por infarto após evangélicos demonizarem os seus orixás, pudessem ser ouvidas, provavelmente clamariam muito mais por respeito do que por tolerância.

## Referências

AGÊNCIA PT DE NOTÍCIA. **Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa**. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa/>>. Acessado em: 22.dez.2015

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Apresentação e notas de Raul Lady .9º edição. Editora WMF Martins Fontes - São Paulo. 2008

**Comissão de Direitos Humanos debate intolerância religiosa**. Disponível em: <<http://www.marcelofreixo.com.br/2015/08/18/comissao-de-direitos-humanos-debate-intolerancia-religiosa/>>. Acessado em: 01.fev.2016

CUSTÓDIO, E. **Ensino religioso e religiões de matrizes africanas no espaço escolar no Amapá: um diálogo necessário**. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15640>>. Acessado em 07.fev.2016

DIJK, T. **Discurso e Poder**. Hoffnagel, J. &Falcone,K. (Orgs.), 2ª edição, SP, editora Contexto, 2010

FRAZÃO,T. Dijk, Teun A. van. Discurso e poder/ Hoffnagel, J. &Falcone,K. (Orgs.) São Paulo: Contexto, 281 págs. Disponível em:<<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/1216/874>>. Acessado em: 22.dez.2015

GOLDMAN, M. **Cavalo dos Deuses: Roger Bastide e as transformações das religiões de matriz africana no Brasil.** Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38604/41451>>. Acessado em: 21.jan.2016.

G1.GLOBO.COM. **Projeto de lei cria polêmica ao proibir sacrifício de animais em Rio Preto.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/04/projeto-de-lei-cria-polemica-ao-proibir-sacrificio-de-animais-em-rio-preto.html>>. Acessado em: 14.jan.2016

#### IBGE- **Senso Demográfico 2010**

[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)

LINDOSO, G. **Vozes que Ecoam e não se Calam: o Programa de Rádio Axé, Cultura como ferramenta no combate às intolerâncias Afro-Religiosas.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1/Vozes%20que%20Ecoam%20e%20nao%20se%20Calam.doc>>. Acessado em 22.dez.2014

LOPES, P. **Igreja Universal é condenada por intolerância religiosa.** Disponível em: <[http://www.paulopes.com.br/2008/09/universal-condenada-por-chamar-me-de.html#.Vw\\_I0tQrLIU](http://www.paulopes.com.br/2008/09/universal-condenada-por-chamar-me-de.html#.Vw_I0tQrLIU)>. Acessado em: 15.mar.2016

MARQUES, Juracy. **Candomblé e Umbanda no sertão: cartografia social dos terreiros de Petrolina/PE e Juazeiro/BA.** 1ª edição, Petrolina/PE.2015

MOTTA, C. **Camaçari: ialorixá morre após suposto ato de intolerância religiosa.** Disponível em: <<http://bahianoar.com/camacari-ialorixa-morre-apos-suposto-ato-de-intolerancia-religiosa/>> Acessado em: 01.fev.2016

#### **O que a macumba é capaz de fazer. Reino dos Céus.** Disponível

em: <<http://www.igrejareinodosceus.com.br/noticias/583-o-que-a-macumba-e-capaz-de-fazer>>. Acessado em 14.jan.2016.

PRANDI, Reginaldo. **Referências Sociais das Religiões Afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização,** 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0151.pdf> . Acessado em: 14.jul.2016

PRISCO, Carmém S. **As religiões de matrizes africanas e escola. Guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana. 2012.** Disponível: <[http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/As-religi%C3%B5es-de-matriz-africana-e-a-escola\\_apostila.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/As-religi%C3%B5es-de-matriz-africana-e-a-escola_apostila.pdf)>. Acessado: 23.jun.2016

STEFFENS, I. **A Análise Crítica de Discurso e o discurso racista: a perspectiva de Teun Van Dijk.** Disponível

em: <<http://www.usp.br/iri/documentos/seminariopos/STEFFENSAn%C3%A1liseCr%C3%ADticaDiscurso.pdf>> Acessado: 4.abr.2016.

#### TOKARNIA, M. **Negros e religiões africanas são os mais discriminados, mostra Disque 100.**

Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-07/negros-e-religioes-africanas-sao-os-que-mais-sofrem-discriminacao>>. Acessado em: 14.jan.2016.